

TEXTOS HISTÓRICOS

Introdução ao texto “A libertação da mão” de André Leroi-Gourhan

Régis Ouvrier-Bonnaz¹

Groupe de Recherche et d'Étude sur la l'Histoire du Travail et de l'Orientation (GRESHTO)
 Centre de Recherche sur le Travail et Développement (CRTD)
 Conservatoire National des Arts et Métiers (CNAM)
 41, Rue Gay Lussac 75005
 Paris, France
regis.ouvrier_bonnaz@cnam.fr

1. A tradução deste artigo para português foi realizada por João Viana Jorge.

A história das técnicas e da sua utilização está actualmente bem enquadrada no panorama científico. Todavia o fenómeno é bastante recente. Na primeira parte do séc. XX os etnólogos foram frequentemente os únicos com os historiadores da pré-história e os arqueólogos a atribuir um lugar à tecnologia como estudo das técnicas. Como assinala Sigaut (1991), foi preciso esperar pelo início dos anos oitenta para ver psicólogos do trabalho e ergónomos interessarem-se por essa disciplina. Num artigo incidindo sobre a aquisição das habilidades mentais relacionadas com as técnicas, Leplat e Pailhous (1981) ao definir habilidade como a interiorização de uma técnica, indicam com precisão que não se pode em rigor falar de técnica senão quando o procedimento correspondente à habilidade se torna objecto de transmissão. *E acrescentam: «se o característico duma técnica é ser transmissível é bom estar atento a algumas modalidades dessa transmissão cuja génese na história da humanidade foi bem descrita por Leroi-Gourhan»* (p. 277).

O assumir a perspectiva histórica é o fundamento da obra de Leroi-Gourhan (1911-1986). Para este investigador, professor no Collège de France, simultaneamente etnólogo, arqueólogo, paleontólogo, «*o homem do futuro é incompreensível se não se entendeu o homem do passado (...) tudo o que há de possibilidades, de virtualidade dinâmica na espécie humana requer ser tratado desde a sua base e pacientemente seguido até ao seu desenvolvimento final*» (1982, p. 222). Para ele, se se procura um «*parentesco real da tecnologia é para a paleontologia, para a biologia que precisamos de nos orientar*». Na articulação do social com o biológico tenta definir «uma biologia da técnica», nisso seguindo o seu mestre Mauss (1936) para quem «*o corpo é o primeiro e o mais natural instrumento do homem. Ou mais rigorosamente ... o primeiro e o mais natural objecto técnico do homem, e ao mesmo tempo meio técnico*» (1936/1960, p. 372). Este corpo não existe em si mesmo nem para si mesmo. Pensando em termos dialécticos as relações do biológico com o social, Mauss mostra que o funcionamento e o desenvolvimento das técnicas corporais estão ligados a contextos sócio - históricos precisos colocando à disposição de cada qual um conjunto de instrumentos culturais e técnicos postos em prática em

contextos intersubjectivos facilitadores da sua utilização.

Actualmente o risco poderia ser o de "naturalizar" as técnicas do corpo reduzindo-as a indicadores culturais e o corpo à imagem do corpo. O processo de apropriação e de desenvolvimento das técnicas do corpo – o que Seiris (1994, p. 128), comentando o texto de Mauss, chama a «"tecnicização" dos corpos» não poderia ser considerada em si, desconnectado do que lhe dá o seu sentido: a actividade. Sem esta "tecnicização", quer dizer sem a inserção activa dos corpos no sistema das normas técnicas vistas como fonte e recursos da actividade individual e colectiva, nenhuma técnica poderia **ter mão** no mundo. Desde logo é sob este olhar da modelação corporal originária que qualquer técnica é susceptível de ser interpretada. A partir deste ponto de vista, a obra de Leroi-Gourhan é uma vasta empresa de descrição, de recenseamento e de classificação das técnicas, de que dão conta, em conjunto com os seus numerosos artigos, os seus principais livros: «L'homme et la matière» em 1943, «Milieu et technique» em 1945, «Le geste et la parole» (dois tomos) em 1964 e 1965^[1].

O artigo «Libération de la main» que saiu em 1956 no nº 32 da revista «Problèmes», publicação da Associação dos estudantes de Medicina da Universidade de Paris é pouco conhecido. Nesse texto, Leroi-Gourhan mostra que a mão «apanágio do homo faber, instrumento do cérebro mais bem organizado de toda a série zoológica, livre dos seus constrangimentos pedestres, é o símbolo da evolução do homem (...) a técnica, o pensamento, a locomoção e a mão aparecem interligadas num só fenómeno ao qual o homem dá o significado mas ao qual nenhum membro do mundo animal é completamente estranho» (p. 6). Segue-se uma descrição da evolução das formas de vida, da vida aquática à vida aérea, cuja concisão não retira nada ao rigor do proposto. Sem libertação da mão não há gesto técnico, não há instrumento - prolongamento da mão - nem instrumento - órgão da máquina - nem, no fim de contas, objecto fabricado. O objecto técnico está ligado ao contexto gestual que o torna tecnicamente eficaz, desvanecendo-se o seu significado técnico com o desaparecimento da memória do seu uso. A evolução dos homens para a posição em pé, libertando os membros superiores torna-os disponíveis para outras funções e em particular para agarrar e manipular objectos. Depois, progressivamente, diversos utensílios dos quais a paleontologia guarda vestígios, vão substituir a mão. O progresso técnico é dependente desta evolução anatómica.

Simultaneamente a anatomia da caixa craniana vai modificar-se permitindo a modificação do cérebro. Os maxilares e os dentes, deixando de estar (exclusivamente) reservados para a apreensão e o corte dos alimentos, sendo esta função assegurada pela mão e utensílios, o aparelho bucal modifica-se para libertar a palavra. No homem, existem relações entre o aparecimento de utensílios e o da linguagem. Leroi-

Gourhan ao descrever os processos de hominização formaliza-o bem: «o instrumento para a mão e a linguagem para a face são dois pólos de um mesmo dispositivo» (1964, p. 34). Uma vez definido o efeito da libertação da mão no desenvolvimento do cérebro humano e das funções superiores é na passagem da utilização do instrumento do indivíduo para o grupo que os laços entre tecnicidade manual e linguagem são pensados. Para ele, o comportamento técnico individual não pode ser concebido sem um dispositivo colectivo no qual a linguagem é a sede da memória.

Enquanto nos animais a memória operatória é hereditária, não existindo objecto sem relação instintiva entre ele e a coisa, o comportamento técnico do homem é fundamentalmente colectivo, «a soma dos conhecimentos operatórios é incluída no organismo social e a sua utilização é função dos meios de conservação e de transmissão de que dispõe este organismo. É assim que aparecem estreitamente ligados, desde a origem, o desenvolvimento das actividades técnicas humanas e o da linguagem. A estreita relação entre técnica e linguagem exprime-se ao longo de toda a evolução das sociedades humanas pelo paralelismo entre a crescente eficácia das técnicas e o desenvolvimento dos meios de fixação e de transmissão (ensino) pela palavra, depois pela escrita e os símbolos matemáticos» (1957, p. 58-59). Léontiev também o assinalou: «não é, assim, considerando os utensílios humanos como instrumentos da actividade de trabalho do homem que descobriremos a verdadeira diferença que os separa dos utensílios dos animais. No seu utensílio o animal não encontra senão uma possibilidade natural de realizar a sua actividade instintiva, por exemplo aproximar de si um fruto. O homem vê no utensílio uma coisa que transporta nela um meio de acção determinado, socialmente elaborado.» (1976, p. 74). Leontiev precisa então que no homem, "é a sua actividade instrumental que criou as particularidades específicas da mão" (ibidem, pág.76). Leroi-Gourhan procura o motor do processo de hominização no amovível do utensílio. O carácter amovível do utensílio, quer dizer em primeiro lugar a sua separação do corpo e a contextualização social do gesto que o utiliza, dá informação sobre a sua existência. Da aproximação entre gesto e utensílio obtém a sua definição de técnica: «ao mesmo tempo gesto e utensílio organizados em cadeia por uma verdadeira sintaxe que dá, em simultâneo, às séries operatórias, a sua rigidez e a sua flexibilidade» (1964, p. 164). Ainda que a demonstração seja convincente, Leroi-Gourhan mantém-se prudente: «o progresso técnico não pode todavia ser assimilado a uma sequência de mutações biológicas» (1982, p. 171).

O texto «Libération de la main» é datado e algumas ideias de Leroi-Gourhan estão a ser debatidas^[2]; o interesse da sua apresentação consiste em nos obrigar a elucidar o significado da noção de evolução técnica para ver se esta última é de natureza que nos permita produzir e actualizar os nossos conhecimentos respeitantes ao homem no trabalho. Ao contrário do que por vezes foi dito, o conceito de evolu-

ção de Leroi-Gourhan não reduz pura e simplesmente o domínio dos objectos técnicos ao dos seres vivos, não visa "naturalizar" as técnicas separando-as do seu significado humano, «permite, pelo contrário constituir este domínio das técnicas num domínio da objectividade, aparte, autónomo, irreduzível e tornado acessível por um conhecimento especial que é o conhecimento tecnológico (Cuchet, 2008). Como bem o estudou Simondon (1989) nos seus estudos dos modos de existência dos objectos técnicos, história e tecnologia não relevam da mesma abordagem. Com efeito se o objecto da tecnologia releva efectivamente de um processo de evolução, não é um processo histórico mas um processo determinado por leis de transformação de natureza operatória e funcional. Assim, para Leroi-Gourhan, um objecto exumado num local de escavação não é em si um objecto de conhecimento. Só o poderemos considerar como objecto de conhecimento resituando-o num processo de evolução que permita pôr em evidência regularidades de estrutura e leis de transformação dessas estruturas. Então, o objecto da tecnologia não é apenas a origem do utensílio e a sua concepção mas o gesto operatório que permite a sua postura em movimento, o gesto eficaz regulado pelos constrangimentos da matéria. Na sua vontade de classificação, Leroi-Gourhan (1964) mobiliza então a noção de «tendência», espécie de determinismo técnico utilizado como conceito classificativo do qual dão conta os vestígios dos processos de trabalho.

No fim de contas, como diz Seris (1994, p. 145), a cultura técnica pode ser «entendida como o que o indivíduo deve às técnicas nas quais se iniciou e que fizeram dele, literalmente, um outro homem». O interesse da obra de Leroi-Gourhan para a psicologia consiste em mostrar que as funções mentais são produtos de uma evolução histórica e não dados naturais. Para Poitou, que escreve os seus trabalhos sobre o funcionamento cognitivo na continuidade de Leroi-Gourhan, nele as funções mentais são primeiro objectivas ou "objectais" antes de serem mentais, «há portanto efectivamente objectivação de funções psíquicas na procura de utensílios, material e locais, em resumo, nos aparelhos de produção» (1991, p. 197). Aeste movimento de objectivação corresponde um movimento de subjectivação das funções técnicas nas funções psíquicas: «a inteligência humana procede tanto, ou mais, da procura de utensílios do que esta deriva da primeira» (ibid, p.196). Neste quadro, como tão bem o disse Meyerson (1955, p. 5), o trabalho entra na pessoa: «qualquer técnica nova tem como fonte e como acompanhamento uma novidade mental e qualquer invenção ainda que pouco importante reage por sua vez com o homem, com o espírito». Para que a psicologia do trabalho se tornasse uma disciplina autónoma era necessário, segundo Meyerson, «que ela tivesse constituído e estabelecido essa dupla característica: a função psicológica do trabalho» (ibid, p. 17). E, em conclusão, «sente-se que é neste acordo da pessoa com a técnica que reside o

maior problema da psicologia do trabalho». Neste movimento o homem não se apropria do património social tal qual; entre o indivíduo e este, a divisão do trabalho multiplica as mediações. O contributo de Leroi-Gourhan consiste em nos permitir pensar a organização e o funcionamento mental a partir dos instrumentos e da organização do trabalho vistos sob o ângulo da produção e das relações sociais que o organizam. A história da evolução humana e das técnicas permite então o redobramento dos conceitos e das "démarches" da psicologia no sentido de uma perspectiva histórico-cultural.

Numa observação mais apurada, a obra de Leroi-Gourhan e dos que com ele definiram a tecnologia como uma ciência humana – referindo aqui mais particularmente Haudricourt – poderia levar bem mais longe do que se poderia imaginar à partida. Ao invés de uma psicologia positivista que continua a pensar o homem e o seu desenvolvimento como uma unidade abstracta convida-nos a encontrar na «hominização», através da actividade laboriosa, o advento da história social da humanidade. Desde então, como lindamente formula Clot, «os possíveis e os riscos da humanização prevalecem sobre as surpresas da hominização» (1992, p. 454). É desta inversão que recolhemos razões para crer ainda no acordo possível entre a pessoa e a técnica.

Notas

[1] Uma bibliografia completa figura em Leroi-Gourhan, 1982, pp. 295-315.

[2] Para uma visão do conjunto destas discussões, consultar Sophie A. de Beaune «L'homme et l'outil. L'intention technique durant la préhistoire» (2008).

Referências bibliográficas

- A. de Beaune, S. (2008). *L'homme et l'outil. L'invention technique durant la préhistoire*. Paris: CNRS Editions.
- Clot, Y. (1992). *Le travail entre activité et subjectivité*. Thèse de doctorat en philosophie sous la direction de Yves Schwartz. Université de Provence (Aix-Marseille I). 2 volumes.
- Cuchet, X. (2008). *Evolution technique et objectivité technique chez Leroi-Gourhan et Simondon*. *Appareil*, 2, (13 pages). <http://revues.mshparisnord.org/appareil>
- Haudricourt, A.-G. (1987). *La technologie, science humaine. Recherches d'histoire et d'ethnologie des techniques*. Paris: Maison des Sciences de l'Homme.
- Leroi-Gourhan, A. (1957). Le comportement technique chez l'animal et chez l'homme. In: *L'évolution humaine. Spéciation et Relation* (pp.55-79). Paris: PUF.
- Leroi-Gourhan, A. (1964). *Le geste et la parole*. Paris: Albin Michel. (Tome 1: Technique et langage).
- Leroi-Gourhan, A. (1982). *Les racines du monde*. Paris: Pierre Belfond. Collection Le Livre de Poche.
- Léontiev, A. (1976). *Le développement du psychisme*. Paris: Editions Sociales.
- Leplat, J. & Pailhous, J. (1981). L'acquisition des habiletés mentales: la place des techniques. *Le Travail humain, Tome 44*, 2, 275-282.
- Mauss, M. (1936). Les techniques du corps, *Journal de psychologie normale et pathologique*, XXXII, 3-4. Repris dans «*Sociologie et anthropologie*» (pp. 365-386). Paris: PUF, 2ème édition
- Meyerson, I. (1955). Le travail, fonction psychologique. *Journal de psychologie normale et pathologique*, 1, 3-17.
- Poitou, J.-P. (1991). Technologie et psychisme. In: *Actes du colloque: La maîtrise sociale de la technologie*, Vol 1, [pp.195-213]. Lyon 9-11septembre.
- Séris, J.-P. (1994). *La technique*. Paris: PUF.
- Sigaut, F. (1991). Aperçus sur l'histoire de la technologie en tant que science humaine. *Actes et Communications. INRA 6*, 67-82.
- Simondon, G. (1958). *Du mode d'existence des objets techniques*. Paris: Aubier.

PT

Introducción al texto “La liberación de la mano” de André Leroi-Gourhan

FR

Introduction au texte “Libération de la main” de André Leroi-Gourhan

EN

Introduction to the text “The liberation of the hand” by André Leroi-Gourhan

Como referenciar este artigo?

Ouvriez-Bonnaz, R. (2010/1952). Introdução ao texto “A libertação da mão” de André Leroi-Gourhan. *Laboreal*, 6, (2), 52-55
<http://laboreal.up.pt/revista/artigo.php?id=37t45nSU5471123:4141:164251>